FIERGS

INFORME ECONÔMICO

Ano 25 ● Número 8 ● 27 de fevereiro de 2023

Otra vaca: viva pero loca. Qual o impacto de curto prazo nas exportações?

Indústria gaúcha iniciou o ano com a produção e o emprego em baixa

Pelo segundo ano consecutivo, RS encerra com Fiscal no positivo

Os efeitos da Guerra entre Rússia e Ucrânia sobre a economia do BR

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731
UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS
www.fiergs.org.br/indicadores-e-estudos-economicos
As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Otra vaca: viva pero loca. Qual o impacto de curto prazo nas exportações?

Embora o Brasil seja apontado como tendo o menor grau de risco para o mal da Vaca Louca, pela Organização Mundial da Saúde Animal, ocorreu, há poucas semanas, um caso da doença em uma propriedade no Estado do Pará. A última vez em que houveram relatos relacionados à doença em território nacional ocorreram em MG e MT, remontando a 2021.

Na ocasião, no acumulado de 2021, o RS apresentava China (US$ 113,3 milhões), Reino Unido (US$ 56,1 milhões) e Estados Unidos (US$ 39,7 milhões), como os principais destinos de carne de gado. No primeiro mês após o choque da doença, as exportações de carne de boi in natura e carne industrializada, para a China, caíram 78,2%, comparando-se com o mês imediatamente anterior. Muito afetadas pelo acordo comercial firmado entre esses dois países em 2015, de cessar a exportação quando houvesse casos da doença. O surto, identificada no início de setembro, contribuiu para a queda nas encomendas do produto em outubro e na ausência de exportação em novembro. O fluxo de comércio normalizou-se, aproximadamente, 3 meses após o ocorrido. A receita, no entanto, só voltou aos mesmos patamares em ago/22. O tempo necessário para a recuperação depende de fatores endógenos – como o tempo de resposta das autoridades sanitárias e da habilidade de negociação dos representantes comerciais – e de fatores exógenos: como a velocidade de difusão da doença, a qual parece estar sob controle.

Em janeiro do ano corrente, o RS exportou Carne de gado, principalmente, para China (US$ 8,2 milhões), Reino Unido (US$ 5,6 milhões) e Angola (US$ 2,4 milhões). Em termos de quantidades, esses países importaram 4,2 mil toneladas desses produtos. Comparando-se o acumulado dos últimos 12 meses com o mesmo período do ano passado, houve um incremento de 36% na receita, de 15,6% nas quantidades e de 18,5% nos preços.

A identificação da enfermidade ocorreu ao final do mês corrente, a maior parte do efeito adverso deverá ocorrer nas encomendas dos próximos meses, isto é, espera-se pouco impacto nas exportações de fevereiro e maiores nos meses subsequentes, a depender do tempo de resolução do problema. No entanto, destaca-se: atribui-se como baixa a possibilidade de alastramento da doença em nosso país. Além disso, dado a possibilidade do efeito substituição, é factível que outros produtos do complexo de carnes tenham suas demandas aumentadas. Tratando-se da China, a demanda por suínos deve apresentar incremento.

Indústria gaúcha iniciou o ano com a produção e o emprego em baixa

Segundo a Sondagem Industrial do RS, pesquisa de opinião empresarial divulgada pela FIERGS, 2023 iniciou com sinais de desaquecimento para o setor. Em linhas gerais, os desempenhos dos indicadores vieram abaixo do padrão para o primeiro mês do ano e as expectativas não indicam mudança no cenário.

O índice de produção industrial registrou 43,7 pontos em janeiro, indicando, abaixo de 50, queda da produção em relação a dezembro, desempenho abaixo da quase estabilidade sugerida pela média histórica de 49,8 pontos do mês. A produção gaúcha não cresce há cinco meses.

Com isso, o emprego industrial registrou a quarta redução consecutiva em janeiro. O índice do número de empregados foi de 47,8 pontos.

Em outro sinal claro de desaquecimento no início de 2023, a utilização da capacidade instalada (UCI) atingiu 67,0% em janeiro, uma estabilidade relativamente a dezembro, mas 1,5 p.p. da média de UCI para o primeiro mês do ano. No mesmo sentido, o índice de UCI em relação a usual atingiu o menor patamar desde junho de 2020: 39,4 pontos. É a maior distância entre o nível observado de UCI e o considerado normal pelos empresários nos últimos 31 meses.

A Sondagem mostrou também que os estoques de produtos finais iniciaram o ano em queda em relação a dezembro – índice de evolução em 47,9 pontos (abaixo de 50) –, mas continuaram acima do esperado pelas empresas – índice de estoques em relação ao planejado em 51,4 pontos (acima de 50). A indústria gaúcha registra acúmulo de estoques indesejados desde setembro de 2021.

Para os próximos seis meses, as expectativas dos empresários em fevereiro de 2023 permanecem pouco otimistas – índices acima, mas muito próximos dos 50 pontos – e sem grandes alterações em relação às apuradas em janeiro. As expectativas de demanda (50,9), quantidade exportada (52,0) e compras de matérias-primas (50,5 pontos) permaneceram positivas. Já o índice do número de empregados subiu de 48,1 para 50,4 pontos, voltando a indicar crescimento, quase uma estabilidade, após três meses de perspectivas negativas.

Por fim, a indústria gaúcha se mostrou mais propensa a investir. O índice de intenção de investimento aumentou de 50,6 em janeiro para 52,2 pontos em fevereiro. O valor, pouco acima de média histórica de 51,2, denota uma intenção moderada. De fato, em fevereiro de 2023, 53,6% das empresas gaúchas pretendiam investir nos seis meses seguintes.

Pelo segundo ano consecutivo, RS encerra com Fiscal no positivo

Em 2022, as contas públicas gaúchas apresentaram superávit orçamentário de R$ 3,3 bi, superando os valores positivos na ordem de R$ 2,6 bi ocorridos em 2021. Com relação ao Primário, o superávit foi de R$ 1,4 bi, inferior aos R$ 4,7 bi vistos no ano anterior.

Dentre os 26 Estados + DF, o RS ocupa a quinta colocação entre as UFs que apresentaram o maior resultado orçamentário, perdendo somente para SP, PR, RJ e GO. Diferentemente do que ocorreu em 2021, as receitas não exerceram o papel principal para a formação do superávit primário. Em 2022, o que ocorreu foi uma retração tanto das despesas quanto das receitas, no entanto, a queda dos gastos públicos foi muito maior do que a arrecadação.

A Receita Total Efetiva (que exclui as receitas intraorçamentárias) somou R$ 56,6 bi em 2022, queda real de 5,9% em relação a 2021. A retração deveu-se ao declínio das Receitas Correntes (-5,1% em termos reais), em especial de Tributos e Taxas (-9,9% real), resultado, sobremaneira, dos dois cortes nas alíquotas de ICMS ocorridas em 2022. Dado que, parte do ICMS é distribuído aos municípios gaúchos de forma obrigatória, a queda na arrecadação reverberou sobre as transferências, onde R$ 1,1 bi deixou de ser destinado a esses locais em 2022 (seja por meio do FUNDEB ou qualquer outra forma).

Pelo lado da Despesa Efetiva, o total empenhado em 2022 foi de R$ 53,3 bilhões, valor 7,8% menor (em termos reais) do que o ano anterior. Essa queda ocorreu devido a redução do dispêndio com a Dívida. O total empenhado em 2022, com relação aos pagamentos de Juros, Encargos e Amortização somou R$ 857,0 mi, redução de 81,5% em termos reais, em relação a 2021. Essa queda é resultado da adesão do RS ao Regime de Recuperação Fiscal, o qual gerou algumas benesses ao Estado, como a suspensão da dívida com terceiros (no primeiro ano) e o refinanciamento do saldo acumulado das parcelas não pagas.

Por outro lado, houve aumento nominal de R$ 2,0 bi no dispêndio de Pessoal e encargos sociais, decorrentes dos reajustes concedidos aos professores (que variou de 5,5% a 32%) e aos servidores em geral (6% de aumento). Considerando a inflação acumulada em 2022 de 5,8% (IPCA), a despesa com Pessoal avançou apenas 0,5%, resultado das reformas estruturantes que o Estado passou nos últimos 4 anos. Vale também destacar o salto dos Investimentos, que passaram de R$ 2,3 bi em 2021 para R$ 3,4 bi em 2022 (em termos nominais), evidências do Programa Avançar, com destaque aos valores destinados a obras de conservação de rodovias e pavimentação.

De modo geral, o quadro fiscal gaúcho apresentou bom desempenho em 2022. O desafio para 2023 será equilibrar três pilares: receitas, que não virão em magnitude igual ao observado nos últimos dois anos, demandas represadas da população, e, principalmente, o pagamento das parcelas da dívida. Mais do que nunca, o RS precisa focar em seu crescimento.

Os efeitos da Guerra entre Rússia e Ucrânia sobre a economia do BR

Na semana passada, completou um ano da instauração da guerra entre a Rússia e Ucrânia. Diante disso, quais foram as suas consequências sobre a economia brasileira?

Primeiramente, devemos lembrar que a Rússia e a Ucrânia são países produtores de algumas *commodities* relevantes, tais como as energéticas (petróleo, gás natural e carvão), os fertilizantes e os grãos (trigo e milho). Consequentemente, o mundo sentiu a elevação dos preços desses bens em 2022: 60,0%, 62,6% e 21,4%, respectivamente. O aumento de preços culminou na intensificação do processo inflacionário global, que já havia dado seus primeiros sinais em 2021, durante o processo de reabertura pós-covid.

No Brasil, a inflação medida pelo IPCA, atingiu seu pico no mês de abril, ao acumular alta de 12,1% em 12 meses. Itens como os combustíveis aumentaram 11,2% entre março e maio de 2022, período em que o barril do petróleo chegou a alcançar US$ 120. Além disso, itens que levam em sua composição farinha de trigo – produto pelo qual Rússia e Ucrânia são responsáveis por cerca de 30% das exportações mundiais – também tiveram seus preços pressionados. A farinha de trigo, o pão francês e o macarrão, por exemplo, no acumulado em 12 meses, sofreram aumentos de 30,8%, 18,2% e 20,3%, respectivamente, em 2022.

Mas nem só de malefícios o Brasil viveu com o aumento dos preços das *commodities*. A alta do preço do petróleo impulsionou o faturamento das empresas petrolíferas, entre elas a Petrobrás, o qual gerou para os cofres públicos um total de R$ 56,9 bi em Dividendos e Participações, valor que em 2019 havia sido de R$ 1,6 bi. O mesmo ocorreu com o caixa dos Estados, que foram beneficiados pelo aumento do ICMS advindo de Petróleo, Combustíveis e Lubrificantes. Entre março e junho de 2022, quando o preço dos combustíveis disparava no mercado interno, o volume de arrecadação vindo desses bens aumentou 23,6% em termos reais.

Por fim, o avanço dos preços das *commodities* reverberou sobre as exportações brasileiras, que encerraram 2022 somando US$ 334,1 bi. Com o advento da guerra, o mundo passou a rever seus parceiros comerciais de *commodities* e o Brasil passou a aumentar suas exportações de milho, pelo qual se elevaram em 194,7% em 2022. A União Europeia, grupo diretamente afetado pela escassez de produtos vindos dos países envolvidos no conflito, aumentou sua demanda por milho brasileiro em 249,2%, somando um total de US$ 2,2 bi em 2022, frente aos US$ 647,5 mi do ano anterior.

DADOS E PROJEÇÕES PARA A ECONOMIA BRASILEIRA

Últimas previsões atualizadas.

	2019	2020	2021	2022*	2023*
Produto Interno Bruto Real (% a.a.) [1]					
Agropecuária	0,4	4,2	0,3	-1,3	3,0
Indústria	-0,7	-3,0	4,8	1,5	1,0
Serviços	1,5	-3,7	5,2	4,0	0,8
Total	**1,2**	**-3,3**	**5,0**	**3,1**	**1,0**
Produto Interno Bruto Real (Em trilhões correntes)					
Em R$	7,389	7,610	8,899	9,708	10,314
Em US$[2]	1,873	1,476	1,649	1,879	1,965
Inflação (% a.a.)					
IGP-M	7,3	23,1	17,8	5,5	4,7
INPC	4,5	5,4	10,2	5,9	5,7
IPCA	4,3	4,5	10,1	5,8	5,6
Produção Física Industrial (% a.a.)					
Extrativa Mineral	-9,7	-3,4	1,0	-3,2	-0,1
Transformação	0,2	-4,6	4,3	-0,4	1,2
Indústria Total[3]	**-1,1**	**-4,5**	**3,9**	**-0,7**	**1,1**
Empregos Gerados – Mercado Formal (Mil vínculos)					
Agropecuária	13	37	146	65	15
Indústria	97	149	722	446	129
Indústria de Transformação	13	48	440	217	63
Construção	71	97	245	194	58
Extrativa e SIUP[4]	13	3	37	35	8
Serviços	534	-378	1.909	1.527	406
Total	**644**	**-193**	**2.777**	**2.038**	**550**
Taxa de desemprego (%)					
Fim do ano	11,1	14,2	11,1	8,0	8,5
Média do ano	12,0	13,8	13,2	9,3	8,8
Setor Externo (US$ bilhões)					
Exportações	221,1	209,2	280,8	334,5	276,0
Importações	185,9	158,8	219,4	272,7	220,0
Balança Comercial	**35,2**	**50,4**	**61,4**	**61,8**	**56,0**
Moeda e Juros					
Meta da taxa Selic – Fim do ano (% a.a.)	4,50	2,00	9,25	13,75	13,75
Taxa de Câmbio – Variação (%)	4,0	28,9	7,4	-6,5	2,5
Taxa de Câmbio – Final do período (R$/US$)	4,03	5,20	5,58	5,22	5,35
Setor Público (% do PIB)					
Resultado Primário	-0,8	-9,4	0,8	1,3	-1,4
Juros Nominais	-5,0	-4,2	-5,2	-6,0	-6,6
Resultado Nominal	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-8,0
Dívida Líquida do Setor Público	54,7	62,5	57,3	57,5	61,0
Dívida Bruta do Governo Geral	74,4	88,6	80,3	73,5	79,9

Fontes: IBGE, BCB, FGV, ME, MTP, STN. * Projeções da Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS. [1] O PIB Total é projetado a preços de mercado; os PIBs Setoriais são projetados a valor adicionado. [2] Taxa de câmbio média anual utilizada para o cálculo e IPCA utilizado como inflação. [3] Não considera a Construção Civil e o SIUP. [4] SIUP = Serviços Industriais de Utilidade Pública.

Informações sobre as atualizações das projeções:

- Não houve alterações.

DADOS E PROJEÇÕES PARA A ECONOMIA DO RIO GRANDE DO SUL

Últimas previsões atualizadas.

	2019	2020	2021	2022*	2023*
Produto Interno Bruto Real (% a.a.) [1]					
Agropecuária	3,0	-29,5	67,0	-33,5	38,7
Indústria	0,2	-5,6	9,7	2,5	1,2
Serviços	0,8	-4,6	4,1	4,0	1,5
Total	**1,1**	**-6,8**	**10,4**	**-2,5**	**5,0**
Produto Interno Bruto Real (Em bilhões correntes)					
Em R$	482,464	480,173	576,979	595,135	657,560
Em US$[2]	122,282	93,107	106,949	115,216	125,299
Empregos Gerados – Mercado Formal (Mil vínculos)					
Agropecuária	0	1	4	4	1
Indústria	-6	0	48	29	12
Indústria de Transformação	-2	0	43	22	10
Construção	-4	0	5	7	3
Extrativa e SIUP[3]	0	0	-1	1	0
Serviços	26	-43	90	68	24
Total	**20**	**-43**	**141**	**101**	**38**
Taxa de desemprego (%)					
Fim do ano	7,3	8,6	8,1	5,7	6,0
Média do ano	8,1	9,3	8,7	6,4	6,2
Setor Externo (US$ bilhões)					
Exportações	17,3	14,1	21,1	22,4	18,7
Indústria de Transformação	12,5	10,4	14,1	17,2	16,1
Importações	10,3	7,6	11,7	16,0	13,5
Balança Comercial	**6,9**	**6,5**	**9,4**	**6,4**	**5,2**
Arrecadação de ICMS (R$ bilhões)	**35,7**	**36,2**	**45,7**	**43,3**	**45,0**
Indicadores Industriais (% a.a.)					
Faturamento real	3,0	-3,1	8,9	6,1	3,4
Compras industriais	-2,7	-5,5	31,2	2,7	2,1
Utilização da capacidade instalada (em p.p.)	0,7	-4,5	5,6	-1,1	0,7
Massa salarial real	-0,8	-9,0	5,3	10,8	3,3
Emprego	0,0	-1,9	6,7	5,9	1,6
Horas trabalhadas na produção	-0,9	-5,5	15,2	8,3	2,5
Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS	**0,1**	**-4,7**	**12,9**	**4,7**	**2,1**
Produção Física Industrial [4] ***(% a.a.)***	**2,5**	**-5,5**	**9,0**	**1,1**	**1,4**

Fontes: DEE/Seplag-RS, IBGE, BCB, ME, MTP, SEFAZ-RS, UEE/FIERGS. * Projeções da Unidade de Estudos Econômicos – FIERGS. [1] O PIB Total é projetado a preços de mercado; os PIBs Setoriais são projetados a valor adicionado. [2] Taxa de câmbio média anual utilizada para o cálculo e IPCA utilizado como inflação. [3] SIUP = Serviços Industriais de Utilidade Pública. [4] Não considera a Construção Civil e o SIUP.

Informações sobre as atualizações das projeções:

- Não houve alterações.